

IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO CONTEXTO FAMILIAR: um estudo de revisão da literatura

IMPORTANCE OF PLAYING IN FAMILY CONTEXT: a literature review study

Ana Roberta Matos Freitas¹

Laisy Nunes²

Gabriela Marcolino Alves Machado³

RESUMO: O presente artigo objetivou analisar a importância do brincar no contexto familiar para a criança de 0 a 6 anos e realizar uma revisão sistemática da literatura acerca da temática. Destaca-se a brincadeira como aspecto importante do desenvolvimento infantil, principalmente, a partir da imaginação, desencadeando ampliação cognitiva e social, sobretudo através do brincar livre e em família. O método empregado foi a revisão sistemática de literatura, utilizou-se as bases de dados SciELO e Index-PSI. Os resultados indicaram que as produções encontradas fazem referência significativa ao processo de desenvolvimento infantil pautado no brincar em contexto familiar; seja como promoção da saúde infantil, no processo de desenvolvimento da linguagem e cognição, ou no desenvolvimento de uma teoria da mente. Apesar de ser uma temática relevante, apresenta poucas publicações. Esses dados confirmam a necessidade de ampliar as pesquisas sobre esse tema, que fundamentem atuações e programas voltados para as famílias e suas interações promotoras de desenvolvimento.

Palavras-chave: brincar; família; desenvolvimento infantil.

ABSTRACT: The present article aimed to analyze the importance of playing in family context for children from 0 to 6 years old and to present a systematic review of the literature on the subject. Playing is highlighted as an important aspect of child development, mainly from the imagination, triggering cognitive and social expansion, above all through free play and with the family. The method used was literature systematic review, SciELO and Index-PSI databases were used. The results indicated that the productions found make a significant reference to the process of child development based on playing in the family context; either as the promotion of child health, in the process of language development and cognition, or in the development of a theory of mind. Despite it is a relevant theme, it presents few publications. These data confirm the need to broaden the research on this theme, which can support actions and programs aimed to families and their development-promoting interactions.

Keywords: play; family; child development.

¹Universidade do Estado da Bahia. any.robert@hotmail.com

² Universidade Federal de Rondônia. laisynunes@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba gabriela_marcolino@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A infância é marcada por avanços significativos nos diferentes domínios do desenvolvimento e por peculiaridades que caracterizam esse período. O brincar representa uma das atividades infantis que proporciona à criança lidar com o mundo físico e social a partir das suas habilidades e auxilia na promoção do desenvolvimento. Por entender que os pais são os primeiros cuidadores, aqueles com os quais a criança tem maior contato durante os primeiros anos de vida e constrói uma relação mais íntima, considera-se que as brincadeiras em contexto familiar são um ponto importante para a compreensão do desenvolvimento infantil. Desse modo, discutir o papel do brincar no contexto familiar remete a refletir sobre os aspectos legais que envolvem o brincar e analisar a relação entre o brincar e o desenvolvimento.

Diante disso, o objetivo do presente artigo foi analisar a importância do brincar no contexto familiar para a criança de 0 a 6 anos, apresentando um levantamento sistemático da literatura acerca da temática. Especificamente, buscou-se discutir o papel do brincar como parte essencial do desenvolvimento infantil saudável; ressaltar a importância das diferentes configurações do brincar em família para a primeira e a segunda infâncias; e realizar uma revisão sistemática de artigos publicados sobre o tema.

Brincar e desenvolvimento infantil

O brincar é uma fonte importante do lúdico. Os primeiros estudos sobre a temática surgiram no século XVIII, quando o ato de brincar era entendido como resultado de energia demasiada. Ao passar dos séculos, os estudiosos se debruçaram a pesquisar melhor o assunto e os estudos nesse campo ganharam amplitude e abordagens novas. O brincar passou a ser considerado como parte intrínseca ao desenvolvimento infantil (Lima, 1992; Lins, Silva, Lins, & Carneiro, 2014). “O brincar contribui para todos os domínios do desenvolvimento. Por meio dele, as crianças estimulam os sentidos, exercitam os músculos, coordenam a visão com o movimento, obtêm domínio sobre os seus corpos, tomam decisões e adquirem novas habilidades” (Papalia & Feldman, 2013, p. 296). O brincar faz com que os modelos abstratos fiquem mais próximos da realidade da criança (Pontes et al, 2018).

Compreende-se que por meio do brincar, a criança aprende sobre o mundo e se prepara para o convívio social, pois a atividade lúdica proporciona uma relação com o mundo físico e social. A ludicidade incentiva a maturidade da criança, de maneira peculiar, a mesma

faz uma forma de intercessão na realidade. Ao brincar, a criança está em preparo para a vida, pois “[...] é através de sua atividade lúdica que ela vai tendo contato com o mundo físico e social, bem como vai compreendendo como são e como funcionam as coisas” (Zanluchi, 2005, p. 89). Por meio desse processo, a criança compreende o mundo adulto e interage de maneira lúdica e saudável.

No processo de desenvolvimento de uma criança, ela tenta ao máximo seguir o exemplo das ações dos adultos, mesmo que ainda não tenha a habilidade de executar muitas das operações feitas pelos mais velhos. Para resolver essa contradição entre a vontade de agir e a impossibilidade de exercer as ações, é preciso que a criança participe de uma atividade lúdica em forma de jogo que está livre da obrigatoriedade, da habilidade da ação, mas ainda assim, possibilita que a criança possa experimentar as operações de forma mais lúdica sem riscos (Leontiev, 1988).

O domínio da criança sobre a realidade, só pode ser obtido por meio de jogos, entendido como brincar, ou seja, a capacidade da criança de desenvolver uma brincadeira (Vygotsky, 1998). Dessa maneira, é preciso reconhecer o papel dominante do brinquedo no desenvolvimento das crianças, já que nos jogos lhes são apresentadas as regras do jogo e a lógica da brincadeira. Assim, a realidade mais ampla do mundo vai sendo apresentada à criança por meio do lúdico, influenciando as ações desenvolvidas enquanto formação de pessoas.

As crianças em suas situações imaginárias tendem a reproduzir regras de comportamento que refletem aquilo que vivenciam em sociedade, que, por vezes, no mundo real passam por um olhar desatencioso delas, mas, no brincar, vêm à tona e mostram conceitos de certas atitudes sociais. “O que na vida real passa despercebido pela criança torna-se uma regra de comportamento no brinquedo” (Vygotsky, 1998, p. 111). A criança dá um novo significado à construção social por ela experimentada, por meio do jogo.

A partir da perspectiva imaginária, o brincar é inerente às regras, assim como em jogos que prevalecem as regras, a imaginação também está presente. O brinquedo atua como catalisador de possíveis situações que instigam a evolução da percepção infantil.

[...] toda situação imaginária contém regras de uma forma oculta, também demonstramos o contrário – que todo jogo com regras, contém, de forma oculta, uma situação imaginária. O desenvolvimento a partir de jogos em que há uma situação imaginária às claras e regras ocultas para jogo com regras às claras e uma situação

imaginária oculta delinea a evolução do brinquedo das crianças (Vygotksy, 1998, p. 112).

Neste sentido, o brincar mostra o quão rico é o imaginário da criança. Em um projeto denominado Território do Brincar, Meireles (2015), retrata um documentário sobre as diferentes formas de brincar no território brasileiro, a organizadora, mostra que as brincadeiras continuam “vivas” no Brasil. Em diferentes estados do território, as crianças brincam livres e, mesmo com as tecnologias da informação e comunicação ocupando o tempo, as mesmas brincam soltas e usam a experiência e a experimentação.

Vygotsky (1998) discute a formação social da mente a partir de vários aspectos sociais, inclusive o brincar. A imaginação ou capacidade de criar uma situação imaginária por parte da criança surge a partir da ação, e é o brinquedo que ganha ação, que por sua vez, instiga o processo de imaginação no desenvolvimento infantil; é fonte inesgotável para o brincar, pois coloca a criança em um lugar de suprir as motivações de acordo com a fase de desenvolvimento na qual se encontra.

Diante disso, entende-se o brincar nas suas dimensões social e cognitiva. Conforme as crianças vão envelhecendo, as brincadeiras infantis costumam ser mais sociais, mais interativas e cooperativas. De acordo com Papalia e Feldman (2013), o brincar possui diferentes níveis cognitivos. Na primeira infância, o nível é mais simples, chamado de funcional, caracterizado por brincadeiras envolvendo movimentos musculares repetitivos e amplos. O outro nível é o jogo construtivo, este envolve brincadeiras com uso de objetos e materiais para construir algo. O terceiro nível é o dramático, onde as brincadeiras envolvem situações imaginárias, fantasiosas, que fortalecem a capacidade para o pensamento abstrato. O último nível é o jogo formal com regras, jogos com procedimentos e penalidades.

Mesmo diante das particularidades, entende-se que ato de brincar é uma necessidade infantil. Ele é a principal atividade da segunda infância, sendo que as crianças precisam de muito tempo para brincadeiras exploratórias livres (Papalia & Feldman, 2013). Analisar as brincadeiras infantis requer perceber os aspectos biopsicossociais que marcam o desenvolvimento humano.

Brincar no contexto familiar

A formação da família é importante para entender como as crianças brincavam em determinados contextos e como brincam atualmente. Assim, percebe-se que a evolução familiar na sociedade aconteceu do modo extenso para mais reduzido (Naves & Vasconcelos,

2013). Nas primeiras décadas do século XX, as crianças brasileiras brincavam com brinquedos artesanais e também com brincadeiras que não necessitavam de brinquedos. No transcurso do século XX, as mudanças deram-se no sentido que “[...] houve uma maior limitação do espaço físico, as brincadeiras se tornaram solitárias, houve um maior número de objetos lúdicos disponibilizados pelas mães às crianças e a mídia televisiva começou a fazer parte da rotina familiar, difundindo valores” (Caldana, 1998 *apud* Naves & Vasconcelos, 2013, p. 150). A mudança significativa do brincar em família no decorrer do século passado aponta os caminhos, que paralelos à mudança na estrutura da família, também ocasionaram a mudança do brincar.

Pensar o papel da família durante a infância, enquanto primeiras e importantes interações sociais, afetivas e emocionais é necessário para compreender como o brincar em família desenvolve-se. “A estrutura familiar e as práticas educativas envolvendo as crianças são aspectos importantes a serem observados na evolução da família” (Naves & Vasconcelos, 2013, p. 150). A família proporciona que a criança desenvolva a brincadeira de modo natural no cotidiano. Nas simples tarefas de alimentar, tomar banho, nas tarefas domésticas, a criança brinca livremente e, por vezes, o cuidador participa/incentiva a brincadeira.

O brincar livre em família é espaço de aprendizagem e crescimento infantil. “O brincar pode ser explorado enquanto recurso educativo, direcionado não somente à criança, mas também à família (identificados os adultos significativos àquela criança)” (Penteado, Seabra, & Bicudo-Pereira, 1996, p. 62). Reforça-se a necessidade de proporcionar à criança experiências de construção familiar pautada no brincar.

Concomitante a isso, é necessário analisar que as crianças estão brincando cada vez menos ao ar livre e com o brincar livre. De acordo com Becker (2017) diante da presença massiva das tecnologias digitais e de uma cultura amplamente conectada, as crianças estão cada vez menos brincando ao ar livre. Assim, as brincadeiras infantis no contexto familiar têm sido reduzidas a experiências cada vez mais ligadas às tecnologias da informação e comunicação. Dessa forma, o brincar em família torna-se prejudicado, já que as famílias condicionam a brincadeira ao ato de consumir.

Esta associação entre o ato de brincar e o consumo motiva conflitos entre a criança e o adulto, principalmente quando este não dispõe de condições financeiras necessárias à compra do objeto desejado. O desconforto é nítido quando o adulto relata: “meu filho não brinca porque eu não tenho condição de comprar brinquedos, que são muito caros”. A responsabilidade de brincar com a criança (ou melhor: a justificativa por não

brincar) é, assim, deslocada do adulto para o brinquedo industrializado e, deste, para a baixa renda familiar (Penteado, Seabra, & Bicudo-Pereira, 1996, p. 59).

Diante do exposto, reafirma-se que é objetivo deste artigo é analisar a importância do brincar para a criança de 0 a 6 anos no contexto familiar, apresentando um levantamento sistemático da literatura. Conhecer os artigos que abordam o tema em questão permite identificar o estado atual das produções científicas e contribuir para a expansão da produção acadêmica acerca da temática de forma geral. Considerando o impacto da brincadeira no desenvolvimento infantil, é necessário ampliar as discussões acerca do tratamento dado aos aspectos contributivos do brincar, mais ainda, do brincar em família na formação da criança.

2. MÉTODO

Foi realizada uma revisão sistemática da literatura com o objetivo de identificar e analisar artigos sobre a importância do brincar no ambiente familiar. Inicialmente a busca foi realizada na base de dados The Scientific Electronic Library Online (SciELO), uma das bases de dados mais relevantes e consultadas no cenário nacional e internacional. A consulta foi realizada entre fevereiro e março de 2019, a partir da combinação entre os descritores de dois grupos que representam o tema objeto do estudo, a saber: Grupo 1) “brincar”, “brinquedos”, “comportamento do brincar”, “desenvolvimento do brincar”, “jogos”; Grupo 2) “ambiente familiar”, “família”, “mãe”, “pai”, “pais”. A definição dos descritores foi realizada a partir da consulta à Terminologia em Psicologia da BVS-Psi. Com o objetivo de organizar uma busca atualizada das publicações, a pesquisa concentrou-se na última década, buscando apenas artigos publicados entre 2010 e 2019, além desse filtro, foram utilizados filtros para o idioma (português) e para o país de publicação (Brasil).

Após o levantamento e análise dos artigos encontrados, verificou-se que nenhum atendia aos objetivos da revisão, conforme será detalhado no tópico referente aos resultados. Diante disso, optou-se por realizar buscas em outra base de dados, também considerada como relevante, na qual muitos periódicos científicos brasileiros estão indexados, a IndexPsi. Com relação aos filtros e termos selecionados nas consultas nessa base, foram utilizadas as combinações entre os mesmos grupos de descritores (exceto: “comportamento do brincar”, “desenvolvimento do brincar”, “jogos”, que tornavam os resultados repetitivos) e a mesma restrição quanto ao idioma, todavia, não foram feitas restrições quanto ao ano de publicação, a fim de ampliar o acesso aos artigos sobre o tema. Também não foram feitas restrições

referentes ao procedimento metodológico, abordagem teórica ou área do conhecimento ou desenvolvimento do estudo.

A partir do levantamento em cada base, os artigos encontrados foram identificados e listados, em seguida os artigos repetidos foram excluídos. Na etapa seguinte, foram lidos os títulos e, em caso de análise mais detalhada, para identificação do tema foram lidos os resumos dos artigos; na sequência foram identificados os artigos que atendiam aos critérios necessários para inclusão na análise minuciosa do conteúdo. Esses foram lidos na íntegra a fim de verificar se realmente atendiam aos critérios, os que atenderam aos critérios estabelecidos foram analisados e discutidos conforme exposto no tópico a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento sistemático na base de dados on-line SciELO Brasil, de acordo com os procedimentos descritos anteriormente, resultou na totalidade de 114 artigos. Entre esses, 35 foram excluídos por serem repetidos, restando 79 artigos que, após leitura cuidadosa dos títulos e de alguns resumos, verificou-se que não atenderam ao objetivo proposto. É válido ressaltar que não foram encontrados artigos sobre a importância do brincar em família de crianças com o desenvolvimento típico. Parte dos artigos encontrados discorriam sobre o brincar no contexto hospitalar, outros sobre o papel do brincar em contextos de desenvolvimento atípico como com crianças com Síndrome de Down e autismo, ou ainda, sobre o brincar em contexto escolar.

Na busca sistemática realizada na base de dados Index-PSi, foram encontrados 24 artigos, dos quais oito eram repetidos. Dos 16 artigos restantes, analisados os títulos e resumos, apenas cinco atenderam à proposta da análise desta revisão sistemática, o brincar no contexto familiar, com foco específico para o desenvolvimento típico. Os artigos selecionados foram analisados e discutidos, conforme apresentado a seguir.

O brincar em suas diferentes nuances é fonte de análise de diversos autores, mas o brincar no contexto familiar é uma temática pouco abordada. Regina Zanella Pentead, Mônica Nicolau Seabra e Isabel Maria T. Bicudo-Pereira dedicaram-se a analisar “Ações educativas em saúde da criança: o brincar enquanto recurso para participação da família”, em 1996. As autoras utilizaram como metodologia uma revisão de literatura acerca da temática da criança e o brincar. Primeiramente, as autoras compreendem a importância do

desenvolvimento da criança nos três primeiros anos de vida e o acompanhamento significativo da família na participação da vida da criança para um desenvolvimento psicológico e social saudáveis. Por sua vez, as significações são construídas a partir das atuações sobre os objetos mediados pelo outro, e o ato de brincar é construído pela relação interpessoal. Elas discutem, ainda, como se dá o processo de desenvolvimento e aprendizagem a partir dos pressupostos teóricos da abordagem histórico-social.

As autoras desse artigo analisado defendem uma perspectiva do brincar na sociedade atual, afirmando que houve uma evolução histórica do manuseio do brinquedo por partes das crianças em relação ao modo artesanal para os fabricados industrialmente. Colocam que a partir da industrialização dos brinquedos aconteceu um distanciamento de certas referências, como a aproximação com o adulto na brincadeira, sobretudo pelo aspecto e formas definidas, sem margem para criação, diferente do brinquedo artesanal. Mencionam também que “[...] um processo de subordinação do brincar (enquanto ato, ação lúdica) ao consumo do que é oferecido pelas indústrias e explorado pela mídia” (Penteado, Seabra, & Bicudo-Pereira, 1996, p. 59).

A associação entre o brincar e a promoção da saúde das crianças é inferida também pelas autoras. Para elas, pode acontecer um déficit no desenvolvimento infantil, caso o brincar seja reduzido ou inexistente. Neste sentido, a educação em saúde e o brincar, enquanto recurso e participação são colocados como uma fonte importante para interação familiar e assistida por profissionais da saúde. Nas considerações finais, Penteado, Seabra e Bicudo-Pereira (1996) apreciam a participação da família, as atividades educativas voltadas para o brincar por parte dos profissionais da saúde, onde a construção de materiais de apoio por profissionais da saúde são caminhos relevantes para a promoção do brincar e desenvolvimento infantil. Conclui-se que o brincar em família, na perspectiva das autoras, é fonte para a promoção da saúde e desenvolvimento infantil.

O segundo artigo analisado foi “Desenvolvimento da Brincadeira e Linguagem em Bebês de 20 Meses”, de autoria de Deise Maria Leal Fernandes Mendes e Maria Lucia Seidl de Moura, ano de publicação em 2004. As autoras utilizaram metodologia observacional. Considerou-se esse artigo por tratar da brincadeira de mães e seus bebês de até 20 meses, entendida como relação familiar. O artigo inicia a abordagem contextualizando a relação entre mãe e o bebê, seja nas estruturas cognitivas, como na segurança afetiva inerente às atividades

incentivadas pela mãe. As autoras relacionam o desenvolvimento das brincadeiras e linguagem, destaca-se que, segundo análises de pesquisas de autores mencionados pelas mesmas, há uma correlação moderada entre brincadeira e linguagem e participação materna.

Neste sentido, 30 díades mãe-bebê com desenvolvimento típico participaram da pesquisa. A análise foi realizada a partir de uma filmagem em situação de brincar no contexto familiar, a criança sozinha com brinquedos e em seguida a criança e a mãe brincando juntas com brinquedos, e considerada várias categorias de observação. Foi constatado que as mães enquanto brincavam com os bebês, promoveram e incentivaram brincadeiras, por meio verbal ou pelo exemplo. Ressalta-se o caráter cultural do agir das mães com “naturalidade” ao brincar. Outro ponto são as categorias do brincar, geralmente além dos brinquedos “de bebês”, também eram considerados objetos do cotidiano do lar das díades. Conclui-se que a presença da mãe desponta como fator de promoção de brincadeiras mais elaboradas e de maior duração (Mendes & Seild de Moura, 2004).

No terceiro artigo selecionado, ao explicar sobre “A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar”, publicado em 2005, Raquel Conte Poletto elucida a relevância do aspecto lúdico em crianças em situação de pobreza no Rio Grande Sul. A metodologia empregada pela referida autora foi o estudo de caso com uma amostragem de 40 crianças de duas escolas municipais de Caxias do Sul, RS.

A afirmação de que a infância e o meio no qual a criança está inserida é primordial para entender o contexto do desenvolvimento infantil, segundo análise de Polleto (2005). A autora afirma que a situação de vulnerabilidade social e o desempenhar de papéis que não são apropriados para crianças tomam parte significativa do desenvolvimento infantil, sobretudo o brincar.

A história do brinquedo também é analisada por essa autora, a passagem para o brinquedo industrializado ampliou as opções do brincar, mas limitou o uso de brinquedos não estruturados que são importantes para a imaginação e criatividade. Concomitante a isso, Polleto (2005) considera o brincar como fator de proteção, que o jogo pode contribuir para reforçar situações familiares e cognitivas, assim como, desenvolver aspectos cognitivos. A autora chama atenção para o fato das crianças em situação de pobreza terem um prejuízo no desenvolvimento cognitivo e linguístico, por vezes decorrente de processo de socialização empobrecedor e punitivo. Os jogos sociodramáticos e de regras influenciam nesse processo,

pois o simbolismo empregado em situações de representação corrobora para que a criança reproduza, futuramente, os aprendizados a partir do que aprendeu nos jogos.

Três vertentes teóricas, a saber, sócio-histórica, cognitiva e psicanalítica, são analisadas por Polleto (2005), a partir da abordagem de estudiosos das áreas citadas. É possível afirmar, de acordo com a autora, que essas vertentes direcionam o entendimento sobre o aspecto lúdico, cada uma em sua função e nuance. Ela usa teóricos renomados para embasar o desenvolvimento da criança a partir do brincar.

O primeiro estudioso analisado pela autora é Vygotsky, que, a partir da visão sócio-histórica, aborda como a criança lida com conflitos relacionados às regras sociais e o modo que o brincar pode contribuir nessa construção. Na análise realizada por Polleto (2005), ela afirma que autores como Piaget explicam a simbolização que influencia o adulto que a criança irá se tornar e as fases do desenvolvimento de Piaget relacionando-as aos diferentes tipos de jogos. Na terceira apreciação de Polleto (2005), sobre a visão psicanalítica, ela usa Winnicott como referência para reforçar o intercâmbio entre real e imaginário proporcionado pelo brincar.

Acerca dos resultados obtidos por Polleto (2005), a partir de análise de dados sociodemográficos e dos jogos com sentenças incompletas, foi possível apontar o desenvolvimento infantil e a promoção da resiliência a partir do lúdico como fonte importante em meio aos percalços socioeconômicos das crianças em situação de vulnerabilidade, assim como, ampliar estudo *in loco* sobre o tema.

“A brincadeira e práticas educativas familiares: um estudo com famílias de baixa renda”, publicado por Edna Martins e Heloisa Szymanski, em 2006, trata das brincadeiras em famílias de baixa renda. O método usado pelas pesquisadoras foi o estudo de caso, a partir da análise de dados de duas famílias da periferia da cidade de São Paulo, especificamente Vila Nova Esperança, sub-distrito da Vila Brasilândia, com crianças de até cinco anos de idade.

Na parte introdutória do artigo as autoras salientam a importância da família como primeira instituição formadora da socialização da criança, e que trocas intersubjetivas corroboram para práticas educativas. Ainda, Martins e Szymanski (2006) situam a relevância da brincadeira segundo teóricos da psicologia, as mesmas apontam que os estudos clássicos de Piaget e Vygotsky norteiam a importância dos jogos para o desenvolvimento infantil. Assim como, citam estudos de revisão de literatura acerca do desenvolvimento cognitivo e

uso de brincadeiras em diversas áreas, como da linguagem, educação, raciocínio dedutivo de crianças em idade pré-escolar, entre outros.

As pesquisadoras delineiam que os estudos sobre brincadeiras também possuem ampla gama de pesquisas no campo da educação, diferenças culturais em relação à brincadeira infantil, citam o exemplo de brincadeiras entre pais e crianças indianas. Concomitante a esse, abordam estudos de pesquisadores estrangeiros sobre o desenvolvimento da criança e a relação entre a participação dos pais, tipos de brinquedos usados e interação social dos pais e da criança e outras temáticas.

Em relação às publicações brasileiras, as autoras reforçam as poucas pesquisas sobre a temática das brincadeiras no contexto das relações familiares e inferem que a maioria dos estudos são realizados em laboratórios, não contemplando o contexto familiar. Acerca dos resultados, as pesquisadoras assinalam que o contexto das famílias analisadas é de dificuldades financeiras e direcionamento de resolução de alguns problemas. Paralelo a este, o processo de socialização é influenciado por aspectos religiosos (cristãos evangélicos), modelos de educação de gerações anteriores (punitivas e de castigos), socialização secundária (frequentam creches e escolas).

Ficou evidenciado também que o uso de brinquedos industrializados nessas famílias são poucos e restritos, pois os adultos não deixam as crianças brincarem livremente, sobretudo com os brinquedos mais caros. No contexto da Vila onde as crianças residem, foram observadas as brincadeiras livres tradicionais; também foi constatado através dos dados que as famílias são carentes e as brincadeiras que imitam o uso de armas são combatidas pelos adultos, dada a realidade social e o problema de assassinatos. Os cuidados se estendem também na observação dos adultos em relação às outras brincadeiras “perigosas”.

Martins e Szymanski (2006) concluem que, embora, as brincadeiras das crianças dessas famílias não incluam brinquedos pedagógicos, tal qual nas famílias de classe média, há um caráter de aprendizado nas brincadeiras e nas interações dos adultos com as crianças. Também foi apontado que temas mais complexos como crenças, gênero e sexualidade são abordados espontaneamente nas brincadeiras, denotando o caráter de simbolismo empregado nos jogos de faz de conta. Portanto, as autoras do artigo supracitado reforçam que a força das brincadeiras no processo de imaginação e interação social nas famílias é instigante, mesmo diante as adversidades.

O último artigo analisado, “A relação entre a brincadeira de faz-de-conta e o desenvolvimento de habilidades na aquisição de uma teoria da mente”, de Ana Claudia da Silva Alves, Maria das Graças Bompastor Borges Dias e Avany Bernardino Corrêa Sobral merece análise, pois trata do desenvolvimento da mente a partir do viés da brincadeira, com destaque para a participação da brincadeira da criança em interação com a mãe. A metodologia empregada foi uma análise de conversação entre a criança e a mãe. O artigo foi publicado em 2007.

Ao situar o processo de desenvolvimento da mente, as autoras abordam os estudos de Piaget sobre a temática da linguagem e a teoria da mente, não como reducionistas a termos mentais, mas também por se tratar de importante mediação entre a criança e o mundo. O papel mediador da mãe nas brincadeiras de faz de conta também é ponto central no artigo em questão. Assim, a situação de faz de conta ou jogo imaginário, que no artigo trata-se de uma análise de conversação de uma criança e sua mãe a partir de uma representação pictográfica mediada pela mãe, mostra uma atividade que incentiva a criança à possibilidade de partir de uma realidade concreta para uma imaginária.

Para as autoras, o jogo imaginário é classificado como “[...] atividade cultural portadora de significações sociais contribuindo para inserção da criança, compartilhando signos e possibilidades sociais” (Alves, Dias, & Sobral, 2007, p. 328). As autoras concluem que as brincadeiras de faz de conta são parte intrínseca de habilidades de uma teoria da mente. Também é possível apontar o papel acentuado da mãe no processo dessas brincadeiras, pois as autoras consideram o elo de uma interação cognitiva que desencadeia a linguagem e, conseqüentemente, influencia o desenvolvimento da teoria da mente, o que justifica esse artigo ter sido incluído na análise.

Após a análise dos artigos que atendem ao eixo central da pesquisa em questão, brincar e o contexto familiar, pode-se inferir que as produções encontradas fazem referência significativa ao processo de desenvolvimento infantil pautado no brincar em contexto familiar; seja como promoção ao desenvolvimento da saúde infantil, no processo de aquisição da linguagem ou ainda no possível desenvolvimento de uma teoria da mente.

O cenário que se tem, a partir da apreciação da literatura específica e das averiguações examinadas, é o de uma carência de ações análogas à deste estudo. A discussão acerca das produções encontradas nos permite apontar que foram publicadas há mais de 10 anos, por

isso, a importância de ter ampliado as buscas, que, inicialmente, foram somente da década de 2010 a 2019, se a busca não fosse ampliada, os artigos analisados não teriam sido encontrados.

Ainda assim, uma análise geral dos cinco artigos encontrados mostra que um é de revisão da literatura e foi na década de 1990; as produções são pertinentes, contudo precisam ser atualizadas, considerando as mudanças nas configurações das brincadeiras da década de 1990 até a atualidade. Na década de 1990, as autoras já indicavam mudanças significativas no processo de brincar. Na atualidade, essa discussão carece ser ampliada e levar em conta, especialmente, a influência das Tecnologias da Informação e Comunicação.

Os outros quatro artigos são da primeira década dos anos 2000 e trazem realidades sobre a brincadeira envolvendo o contexto familiar em localidades do Sul e Sudeste do país, nas quais as pesquisas consideraram análise das faixas etárias de 1 a 5 anos. Dessa forma, apontamos a necessidade de amplitude de estudos que contemplem de forma ampla essa e outras faixas etárias, assim como, em outras regiões do Brasil.

Os artigos possuem em comum a discussão acerca da importância das brincadeiras para o desenvolvimento infantil. Usam como referência no campo teórico os estudos tradicionais de autores renomados, principalmente, Piaget e Vygotsky. Outra semelhança é a inferência entre desenvolvimento infantil e o brincar, seja no desenvolvimento da linguagem (Alves et al., 2007; Mendes & Seild-de-Moura, 2004), na questão socioeconômica e vulnerabilidade social (Poletto, 2005; Martins & Szymanski, 2006) ou como recurso na área da saúde (Penteado, Seabra, & Bicudo-Pereira, 1996).

Após o levantamento da revisão sistemática da literatura encontrada na base de dados Index-PSI, é pertinente abalizar as lacunas encontradas na literatura. O brincar livre em família não é tema central em nenhuma das pesquisas. As abordagens são norteadas a partir de fatores secundários, como desenvolvimento da linguagem, cognição, saúde e educação. Dessa forma, a necessidade de expandir a temática é corrente. Pesquisas específicas que aprofundem as discussões sobre a importância do brincar em família são relevantes para fundamentar atuações, no sentido de auxiliar a construção de práticas que favoreçam o desenvolvimento, assim como a elaboração de programas de orientação para pais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É relevante ressaltar que, ao longo dessa pesquisa, as indagações sobre a criança brincar em contexto familiar como primordial ao desenvolvimento infantil foram respondidas. Na medida em que entender o conceito de criança como sujeito social que evoluiu ao longo dos séculos, sobretudo após a segunda metade do século XX, delineou-se aos caminhos percorridos em diversos aspectos. Os aspectos legais e teorias sobre desenvolvimento social e cognitivo contribuem para situar o brincar em família como insubstituível na vida da criança, assim, evidenciando um processo em que a criança usa a capacidade de imaginação e simbolismo dos jogos para situar-se enquanto sujeito social.

A revisão sistemática foi um passo contemplado para levantamento de publicações pertinentes à temática do brincar no contexto familiar. Há poucas publicações especificamente sobre o tema, mas a pretensão desse estudo foi indicar o atual estado das pesquisas sobre a temática, indicando possibilidades necessárias para o debate em novos estudos.

Aponta-se, ainda, no presente artigo a necessidade de expansão da temática em questão. Pesquisas de campo voltadas a entender o brincar no contexto familiar são relevantes, assim como possíveis enfoques de novos temas: situar o papel das novas tecnologias da informação e comunicação no brincar em ambiente familiar, ampliar o brincar livre e orientado pelos pais ou responsáveis são possíveis pesquisas com problemas questionadores da realidade atual.

REFERÊNCIAS

Alves, A. C. S., Dias, M. G. B. B., & Sobral, A. B. C. (2007). A relação entre a brincadeira de faz-de conta e o desenvolvimento de habilidades na aquisição de uma teoria da mente. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 325-334. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722007000200013>

Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Becker, B. (2017). *Infância, Tecnologia e Ludicidade: a visão das crianças sobre as apropriações criativas das tecnologias digitais e o estabelecimento de uma cultura lúdica contemporânea. Tese de Doutorado*. Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

Leontiev, A. N. (1988). Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: Vigotski, L. S., Luria, A. R., Leontiev, A. N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo: Ícone.

Lins, B., Silva, M. F. O. C., Lins, Z. M. B., & Carneiro, T. F. (2014). A compreensão da infância como construção sócio-histórica. *Psicologia*, 7(2), 126-137. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php> Acesso em 10 de dezembro de 2018.

Martins, E., & Szymanski, H. (2006). Brincadeira e práticas educativas familiares: um estudo com famílias de baixa renda. *Interações*, 11(21), 143-164. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v11n21/v11n21a08.pdf> Acesso em 10 de dezembro de 2018.

Meireles, Renata. (org.) (2015) *Território do Brincar: diálogo com escolas*. São Paulo: Instituto Alana.

Mendes, D. M. L. F., & Seidl-de-Moura, M. L. (2004). Desenvolvimento da Brincadeira e Linguagem em Bebês de 20 Meses. *Psic.: Teor. e Pesq.* 20(3), 215-222. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722004000300002>

Naves, A. R. C. X., & Vasconcelos, L. A. (2013). Análise de interações familiares: um estudo de caso. *Psic.: Teor e Pesq.* 29(2), 149-158. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722013000200004>

Palacios, J. (2004). Psicologia Evolutiva: conceito, enfoques, controvérsias e métodos. In Coll, C., Marchesi, A., & Palacios, J. (2004). *Desenvolvimento Psicológico e Educação - Volume 1: Psicologia Evolutiva* (2a ed.). Porto Alegre: Artmed, pp. 13-53.

Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: AMGH.

Penteado, R. Z., Seabra, M. N. & Bicudo-Pereira, I. M. T. (1996). Ações educativas em saúde da criança: O brincar enquanto recurso para participação da família. *Rev. Bras. Cresc. Des. Hum.* 6(1/2), 49-56. <https://doi.org/10.7322/jhgd.38374>

Poletto, R. A. (2005). Ludicidade da Criança e sua relação com o contexto familiar. *Revista Psicologia em Estudo*, 10(1), 67-75. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722005000100009>

Pontes, E. A. S., de Miranda, J. R., dos Santos, J. F., de Amorim, I. A., & da Silva, M. F. (2018). MATEMÁTICA PARA TODOS: UMA AÇÃO EXTENSIONISTA VISANDO O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E INTELECTUAL DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA. *Revista Psicologia & Saberes*, 6(7), 20-28. <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/psicologia/article/view/742/763>

Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Zanluchi, F. B. (2005). *O brincar e o criar: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação*. Londrina: O autor.